

A C.S.P.A.

A quando da tentativa de me impedirem a leitura de qualquer tipo de jornal, não aceitando esta medida como a máxima a prontos decidi:

Apenas por escrito me relesione e com todo o pessoal deste estabelecimento sejam guardados funcionários, em direcção ou serv. médicos.

Logo de seguida me foi ~~facultado~~ o acesso aos jornais. Mas por a minha decisão não ter sido tomada apenas por esta medida, mas por todas as outras já enunciadas decidi conti-
nuar.

Até à vitória Pela Libertação!

Seu Caríssimo

Um abraço muito amigo para
tudo.

Casais - 2 de Junho de 1982.



Carta à imprensa, a todos os ^{os} cidadãos, a todos os órgãos de soberania, a todos os deho-
rtares e antifascistas, a C.S.P.A.

No dia 2 de Junho de 1982 fui visitado por uma
equipe médica constituída pelos seguintes do-
ctores:

Pilo. Hosp. S.M.	Prof. - Orlando Bordalo (chefe da equipa)
" " "	Dr. - Teresa Antunes
Min assistente	Dr. - Leda da Silva
Telo Hosp. S.J. Deus	Dr. - Augusto Carneiro
" " "	chefe dos Endo - Sr. Pereira

tiveram um diálogo comigo em que o Dr. Bordalo
fez um resumo do porquê da sua presença bem como
da Dr. Teresa Antunes.

Porante um acordo-protocolo firmado entre o Min.
da Justiça e o Min. dos Assuntos Sociais, foi determina-
do que o Hosp. de Santa Maria prestaria o apoio clínico
à evolução da greve de fome dos presos do PRP. Acordo
estes em que um dos presentes pelo Min. da Justiça
foi o Sr. Dir. Genl dos Serv. Prisionais - Castelo Branco.

Como tal foram mencionados pelo H.S.M. para me observar, devendo-se a presenças do Sr. Leis de visita a meu pedido.

A todos os presentes em esclareci a minha firme determinação, já tomada pública, mas que farei um breve resumo.

A minha ^{posição} não se fundamenta por qualquer tipo de desconfiança em relação aos médicos do serv. Prisionais ou a quaisquer outros. A minha desconfiança fundamentada em factos, é do Sr. Dir. de justiça e do Dir. Geral do serv. Prisionais, que fariam tudo e todos no sentido de serem os primeiros a ter conhecimento de meus estados de saúde, para depois os poder falsificar e deturpar a seu bel prazer.

Esta minha posição é também para salvaguardar a idoneidade profissional dos médicos que me observam e pelo respeito pela deontologia médica — O segredo sobre o estado de saúde de um doente faz parte dos princípios deontológicos, só o doente pode torná-los públicos por quem ele entender —.

Repeti a todos os presentes que aceito ser observa-



do pelos meus médicos assistentes podendo estes ser fiscalizados por médicos mandatados pelo Ordem. Organismo da classe que representa a sua totalidade e que merece todo o respeito e salvaguarda ~~por~~ qualquer pressão deste poder.

Todos os presentes pelas razões mais que justificam por mim apresentadas, respeitaram a minha posição.

Em seguida foi descrito pelo Sr. Augusto Carneira e pelo chefe de enfermeiros Sr. Pereira, as condições existentes neste hospital, para poder salvaguardar a todo o momento o meu estado de saúde, sujeito a qualquer imprevisto de um momento para o outro.

Todos os médicos se pronunciaram e concluíram que: Em virtude dos poucos conhecimentos existentes sobre as consequências (pontuais) e evolução ^{de uma} ~~em~~ greve de fome. Em virtude da precariedade de meios existentes neste hospital quer técnicos quer humanos.

Em virtude da falta de médicos permanentes bem como de enfermeiros suficientes, não poderiam seguir o meu estado de saúde com os cuidados que esta

situação urgente. Etc etc.

Como conclusão, o único hospital que reuniria o mínimo de condições seria o Hosp. de S. Maria.

Por fim o Dr. Leça de veiga por estar presente a um pedido tentou observar-me, o que foi impedido pelo Sr. Director, após ordens da Direcção Geral dos Ser. Prisionais.

Ficou o Prof. Orlando Bordalo como chefe da equipa e mandado para tal, elaborar um relatório que seria dado a conhecer a todos os presentes e que trataria de todo o conteúdo da visita.

Muito me admira que após passadas algumas horas seja surpreendido por um comunicado do Min. da Justiça informando que eu me recusara a ser observado pela equipa acima referida e estranha aos Ser. Prisionais, demonstrando a minha falta de confiança nos médicos.

Que o Sr. Min. da Justiça vem demonstrar mais uma vez o seu desejo de se adiantar aos factos, acabando por os deturpar e falsar. O que é insidioso quando se está no 12º dia de greve de fome sem qualquer assistência alimentar.



Nem a sociedade teve de aguardar pelo relatório que o Prof. Bordalo ficou de elaborar, então poderia ser mais objectivo e real. Ou será que com este tipo de comunicados o Sr. Ministro tenta salvaguardar as suas responsabilidades e lavar as mãos para as consequências que possam advir desta situação.

Este comportamento não é só afrontoso para a minha dignidade e as meus direitos, como é afrontoso para todos os médicos presentes e aos seus princípios éticos e profissionais.

Por ser robeiramente do nosso entendimento os desejos obscuros e neste tipo de campanhas bem como os seus objectivos. Nós decidimos tornar publicos os comunicados sobre o meu (nosso) estado de saúde e quem nós deturmaríamos e não o Sr. Min. da Justiça.

E bom lembrar mais uma vez que o segredo sobre o estado de saúde de um doente faz parte dos princípios deontologicos, e só o doente, reputo, só o doente poderá autorizar torná-los publicos por quem entender. Neste caso serão os nossos médicos assistentes fiscalizados pelos médicos mandatado pelo Ordem, ou a C.S.P.A.

Justa vez não vamos dar o privilégio ao Sr. M. de
Justiça de poder afirmar que "segundo um médico
amigo o Carlos Antunes - neste caso eu - não esteve à
morte e que tudo passou de uma peça bem encenada,
trágicas manifestações para um argumento de enigma.

Por outro lado é estranho que venha o Sr. M. de
Just. fazer um comunicado (falso por esconder a verdade) que
quando o Sr. M. tinha o direito de ter feito outros
sobre comunicados, e não o fez, sobre as condições (horas)
condições prisioneiras, não só ilegais perante as leis
deste Estado de Direito, como torturadoras e que só
podem ter um fim último; debilitar a saúde
de saúde o mais rápido possível e deixar-me morrer
no silêncio das 4 paredes que me rodeiam.

Eu faço a greve de fome e alguns representantes do
poder é que sofrem de autolesão. O Sr. Deputado Rui
Pena não deixa de ter razão sobre esta matéria?

Não querendo alongar mais tempo novamente
o apelo aos órgãos de soberania responsáveis para
preverem cobro à arbitrariedade, ao abuso de poder
à tortura, aos empurramentos fascistas desenfreados,

praticados por uma minoria deste governo.

Ainda estamos em Portugal de Abril e os cravos
vermelhos ainda não murcharam de todo.

Para todos os trabalhadores, e todos os democratas
e antifascistas, aos jornalistas, aos intelectuais, ^{a esca.} não
esqueçam que nos têm demonstrado o seu apoio inequívoco
e um abraço muito fraternal

António Pereira

P.S. Atenção, muita atenção para outros comu-
nicados deste teor, pois não duvidarão de
aparecer novamente.

